

# educação

## FORA DA CATEDRA

# EDUCAÇÃO

pele prof. dr. DELFIM SANTOS

A educação não é esforço de dressagens para modificar o homem. Quando a educação adopta como princípio a modificação do homem e sem dúvida, uma má educação. O primeiro interesse que deve nortear a pedagogia não é modificar, mas descobrir naquele sobre o qual a educação se exerce, as suas aptidões e tendências, a sua capacidade de apreensão de valores, e a forma de vida e de pensamento que lhe estão destinadas pelo seu tipo psicológico.

A ginástica não modifica o corpo; ela auxilia o corpo à realização plena dos seus limites, fortalecendo órgãos que estavam aquém do seu possível desenvolvimento, e reduzindo massas de tecidos até ao limite possível de redução, que o corpo pode suportar. Toda a sua acção de aprumamento corporal se realiza entre limites, aquém e além dos quais a ginástica é ineficiente, se não mesmo contraproducente.

A ginástica não faz de todos os homens atletas, mas descobre em alguns capacidade atlética; a educação moral e intelectual deve ter a mesma finalidade: descobrir em cada homem os seus próprios limites e capacidades. Se, em vez disto, a educação pretende intervir e modificar, antes de ter avaliado as íntimas capacidades dos educandos, comete um erro de finalidade.

O mestre de ginástica não inicia os seus exercícios com o intuito do desenvolver mais tal musculo do que outro. O seu interesse preliminar é o desenvolvimento harmónico do corpo; só mais tarde lhe poderá interessar, conhecida a capacidade física do educando, desenvolver particularmente tal ou tal musculo, cuja atrofia prejudicava a pretendida harmonia.

O mesmo se deve exigir para a educação em geral: a harmonia das possibilidades emocionais e cognitivas que cada homem manifesta, embora em forma desordenada e confusa. Só mais tarde o interesse modificativo pode surgir, quando a harmonia é prejudicada, pela atrofia ou hipertrofia de determinada função, quer emocional quer intelectual.

Quando se fala de educação, entendendo vulgarmente um esforço total de redução do adolescente a determinado tipo de homem que a sociedade admite como típico, ou pelo menos, modelar. Porém, depois do que deixamos dito, tal programa não corresponde ao que modernamente se entende, ou deve entender, por educação. Educação consiste apenas em elevar o homem a ser homem.

A palavra «homem», que na definição se repete, tem dois sentidos facilmente apreensíveis. No primeiro caso designa o homem nas suas virtualidades, e no segundo exprime o homem na sua própria realidade, uma vez realizadas as suas possibilidades. Tal definição não significa que o individuo parti-

cular (expresso pelo primeiro homem, na definição), deve modificar-se para realizar o tipo geral, que o segundo homem (na definição) pretenderia exprimir.

Pedagogia não é redução do particular ao geral, como muitas vezes se pretende fazer crer. O que a pedagogia pretende é que «tal homem» seja realmente «tal homem», sem interesse de que ele se assemelhe, ou seja idêntico, a tal outro homem proposto como modelo. Outro qualquer interesse não pode servir a pedagogia.

É verdade que, em determinados casos, a pedagogia necessita de pôr limites a esta margem de oscilação do que é possível ao homem como ser social, e então poderá pretender uma acção modificativa de tal educando, se este ultrapassou ou está aquém dos limites das exigências requeridas ao homem e pode vir a perturbar a vida social. Mas neste caso já se não trata de educação, mas de reeducação.

A exigência fundamental de harmonia que toda a educação pressupõe é esquecida; ou toma relevo predominantemente intelectual, e ignora a existência do corpo, ou relevo o corporal e desconhece a existência do espírito. Mas a harmonia só se consegue quando não se esquece que, na vida do homem, manifestam sempre de forma contínua e persistente três aspectos, de igual importância: o físico, o emocional e o intelectual, ou, em linguagem menos precisa: o corpo, o coração e o espírito.

## DAS SETE ARTES

# O ENSINO DO DESENHO

Em todos os países francamente votados ao progresso, o ensino do desenho é tido como dos mais importantes factores da cultura.

Sabe-se aí que o desenho implica noções de colocação dos objectos, noções de luz e de cor — enfim, todo o complexo arranjo da visibilidade e da arrumação ambiente; e sabe-se que ajuda a observação detalhada, analítica, favorecendo a visão por partes, dando-nos o conhecimento dos objectos, que vem a ser, depois inspiração e material para eventuais elaborações ou sínteses; e além de tudo isso, sabe-se que o desenho melhora o gosto e cria disposição, alegria — cria enfim aquela preparação de alma indispensável ao estudioso e ao bom artista.

Auxilia o ensino, facilitando as demonstrações e representações; torna a aprendizagem simples e mais amena.

É uma ginástica mental, tanto para quem a pratica, como para quem o interpreta ou vê; é além de tudo, uma boa orientação de fidelidades e tendências e a mais feliz ocupação, pois enquanto apura habilidades, traz à alma os maiores encantos. Auxiliar da pedagogia, o desenho ajuda e dá ilustração para muitas ciências. E quando objecto de ensino, pode através dele o mestre ver todo o carácter e aptidão do seu aluno.

É que a alma do que desenha, abre-se toda num extase simpático — e é então que se surpreende a inteligência, as revelações da habilidade, o ser vivo moral, pensante e artístico. E por seu lado, o aluno, olha-se a si mesmo, sente-se, surpreende-se com as suas forças discretas e criadoras, conhece-se na sua inteligência, observa-se na sua destreza, encontra em si alguma coisa que pode usar livremente e com que — beleza, arte — toda a profusão de formas, colorido, vida — qualquer coisa magnífica, a dominá-lo e seu triunfo, e que o mestre, um educador, aproveita (ou deve aproveitar) como o meio próprio, optimo, para induzir à sabedoria, à moral, à beleza.

E por aqui se vê, que não haverá melhor exercício para revelar ou descobrir uma inteligência, encontrar o carácter, criticá-lo ou criá-lo, que o ensino do desenho assim concebido. Ora muitos pais ou sabem, e nesta ideia dão-lhe já uma lar, a aplicação. Só entre nós é que se dá a menor importância cultural ao desenho. Há para aí escolas primárias que não o ensinam; o professor, que há-de saber tudo, pode muito bem ignorar desenho. Entre nós há o culto da habilidade; só o habilidoso haverá de ensinar; confundindo-se assim o saber com a capacidade e jeito para ensinar. E nesta viragem se formam os nossos desenhistas.

O valor cultural do desenho anda ignorado; e o desenho como ciência, arte ou officio, também não é de muito praticado. Pratica-se como prenda: há por aí desenhistas sercotas. Somos um país rico em habilidades! Mas há mingua de gente que saiba desenho, há falta de professores e executores, que em vez de traçarem bem, copiar perfeitamente as suas lições, ou sirvam quem os procura com desenhos impressivos, similes, uteis. Andamos a preferir o intuitivo ao esforçado e mártir do desenho; preferimos o que faz um bom retrato ao que rapidamente traça um bom esboço, frisante e expressivo. E a finalidade do desenho como cultura.

Or, desta maneira, ou ensinamos demais ou não ensinamos — dá, e ao fim, fica-nos, líquida esta triste senha nossa — não ensinamos nunca o que interessa!

Conclusão: lá fora, ensina-se o desenho, conhece-se a sua utilidade de toda, não se esquece nunca que



No mês dos exames — Um grupo de estudantes, antes de entrarem para a sala de actos, apanham Sol... para retemperar os nervos

## EXTRA-MUROS

# ORIGEM DA LINGUA VASCA

A zona ocupada pelo povo vasco estende-se de um lado e de outro da fronteira francesa. Um grande mistério rodeia este povo no que respeita às suas origens, bem como à procedência da sua língua. Toda ela se perde na noite dos tempos e até agora nada ainda se esclareceu a este respeito. A língua dos vascos espanhóis, o *suzaro*, é completamente diferente do castelhano e do catalão, derivados do latim. Os vascos vivem em quatro províncias de Espanha: Alava, Biscaia, Guipuzcoa e Navarra. E' em Guipuzcoa que o elemento vasco se tem mantido mais puro, enquanto que no resto das províncias espanholas, assim como no Norte dos Piréneos, um solo francês, se dá uma penetração de outros factores étnicos.

Também os nomes dos meses e dos dias da semana são completamente diferentes das respectivas denominações nos diversos idiomas occidentais. Igualmente o vocabulário e a escrita têm as suas características próprias, que os distinguem de todas as línguas conhecidas; algumas poucas palavras convencer-nos-ão disso: *Jaungoico* = Deus; *Guxon* = Homem; *Illarguia* = Lua; *Takurak* = os cães.

Por certas características da construção de frases e do sistema verbal, tem querido notar-se algumas semelhanças com as línguas dakota e azteca. No decurso dos séculos e devido à convivência tem-se introduzido na língua vasca algumas expressões derivadas das línguas românicas.

## A ciência astronómica na África do Sul

Entre os vários observatórios astronómicos que existem na União Sul Africana, sobressai o de astronomia prática da Cidade do Cabo que os «Lords» Comissários do Almirantado, em 1820 resolveram mandar construir. Consta de um edificio principal e de mais dez observatórios providos de residências para astrónomos e demais pessoal.

A sua contribuição científica tem sido notável. Como complemento do observatório de Greenwich, determina a ascensão recta e a declinação das estrelas do hemisfério Sul. Marca, de hora a hora, o tempo da União e dá sinais horários para os portos e navios no alto mar, pelo sistema mais moderno. O catálogo fotográfico «Cape» Photographic Durcimumsterung» contém cerca de 400.000 estrelas. Contribuiu o observatório do Cabo com cerca de 500.000 estrelas, descritas em onze volumes, para a «Carte du Ciel», monumental publicação astronómica.

Trabalham neste observatório, além do Director, um assistente-chefe, quatro assistentes, um secretário e oito assistentes auxiliares. Tem ainda oito amanuenses, um construtor de instrumentos, um electricista, um carpinteiro, três jornalheiros e vários estafetas. Dispõe de esplêndida aparelhagem de observação.

## UNIVERSIDADE DO PORTO

Foi nomeado professor extraordinário da disciplina de patologia geral e experimental da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, o dr. Ernesto Borges Teixeira de Moraes.

é uma arte e um processo pedagógico, ou: em maneira fácil e divertida dá e favorece a cultura; e entre nós porque só o habilidoso ensinar — e só o habilidoso há-de aprender, relegam-se as virtudes do desenho, diminuindo assim e aviltando, a formação e preço da cultura!

JOAQUIM RODRIGUES SILVA

**exames!**

**SE FICAR BEM...**  
ESCOLHA UMA BICICLETA. A PRIMEIRA MAIS UTIL QUE MAIOR PRAZER LHE PROPORCIONARÁ.

**AUTO-LUSITANIA**  
AVENIDA DA LIBERDADE 13-1 LISBOA

## ENSINO TECNICO

Reuniram-se há dias nos arredores de Lisboa, em almoo de confraternização os professores e alunos do curso comercial do Instituto Nacional de Comércio.

Aos brindes, usaram da palavra, pelo corpo docente, os drs. José do Carmo Carrilho, Mimoso Palanca e Mariano Coelho, e o aluno Antonio Augusto Monteiro.



No Instituto António Aurélio da Costa Ferreira — Trabalhos de jardinagem pelos educandos